

Por que querem todos governar uma câmara falida e em crise?

“Se fosse cínico, falaria do abutre que cai sobre a carne podre”, diz Villaverde Cabral. O fenómeno também passa pela visibilidade

Filomena Fontes e Ana Henriques

● Mergulhada numa profunda crise política, afogada em dívidas, a Câmara de Lisboa transformou-se na arena política do combate entre forças partidárias, movimentos e independentes. É a primeira vez que nove candidatos – ou talvez mesmo dez, se Carmona Rodrigues vier a reconsiderar – disputam um cargo cujo ordenado não ultrapassa o de secretário de Estado, embora dê direito à mordomia de uma residência oficial em Monsanto.

Paradoxal? Talvez não. “Joga-se em Lisboa uma série de capitais políticos e simbólicos e ninguém quer perder esta oportunidade”, diz Fernando Ruivo, coordenador do Observatório dos Poderes Locais, do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra, trazendo à memória

exemplos como a Câmara de Paris, de onde Jacques Chirac partiu para a Presidência da República. Ou, na política doméstica, o caso Jorge Sampaio, que governou Lisboa antes de se abalçar a Belém.

Eleições têm réplica no país

“Ninguém quer ficar fora do mercado político que representa a Câmara de Lisboa. Uma candidatura dá visibilidade não só às principais forças políticas, como a outros movimentos”, insiste, sem arriscar, no entanto, se a esta proliferação de candidatos corresponderá maior mobilização do eleitorado. Ruivo regista a descredibilização da classe política, anota as circunstâncias em que a câmara caiu e soma a campanha contra o poder local a que se vem assistindo. “Lisboa era o Quid, o supra-sumo, e agora até a cidade de Lisboa tem problemas. Apesar de haver fortes candidatos, isso pode desmotivar”, avalia.

O raciocínio do especialista em governação urbana João Seixas vai no mesmo sentido: “O cargo de presidente da Câmara de Lisboa é o cargo político com maior potencial de cosmopolitismo em Portugal”, que a má governação tem impedido de aproveitar. A tal potencial não é alheia a crescente importância das cidades como motores de desenvolvimento. O fosso entre uma coisa e outra – a deficiente gestão de um valor simbólico como Lisboa – resultou “num aumento da percepção social” da crise, “o que faz com que esta disputa eleitoral seja muito grande”.

Atribuindo às eleições de Lisboa um valor político que ultrapassa os limites geográficos locais, Manuel Meirinho Martins, professor no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, encontra nas fortes apostas feitas pelos dois principais partidos a razão para a multiplicação de candidatos. “Quando não há candidatos tão fortes, é mais normal juntar esforços à esquerda e à direita. A maioria das candidaturas não são, efectivamente, candidaturas de poder”, afirma este sociólogo, para quem as regras que ditam o jogo político são claras. “Trata-se”, diz, “de uma luta entre os dois maiores partidos por um posicio-

Túnel do Marquês: o tempo das grandes obras acabou, mas não faltam candidatos a Lisboa



Salter Cid convidado para lista de Negrão

José Salter Cid, ex-secretário de Estado da Segurança Social e também das Comunicações dos governos de Cavaco Silva, foi convidado para número dois da lista do PSD, liderada por Fernando Negrão. Salter Cid é, neste momento, presidente executivo da PT ACS, a participada do grupo Portugal Telecom que presta os cuidados de saúde aos trabalhadores da empresa e dos CTT. Militante social-democrata, Salter Cid passou pela administração da Companhia das Lezírias e também desempenhou funções na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo. Jorge Antas é outro nome de que se fala, também por sugestão do aparelho social-democrata. Fernando Negrão não tinha, até ontem, indicado nenhum nome da sua confiança para a lista às eleições para a Câmara de Lisboa que lidera, devendo fazê-lo nos próximos dias.

O novo calendário eleitoral

4 Junho

é o dia em que termina o prazo para a entrega de listas de candidatos às eleições intercalares para a Câmara de Lisboa. Quanto às coligações, podem agora registar-se até 28 de Maio

6 Julho

é o dia em que começa a campanha eleitoral, que termina logo uma semana depois. O prazo de campanha, normalmente duas semanas, foi encurtado por se tratar de eleições intercalares

15 Julho

é a data das eleições intercalares para a câmara. Os eleitores terão de escolher entre nove candidatos, isto se mais nenhum se apresentar a sufrágio e se não houver desistências

namento político nacional. É a lógica da ocupação do poder”. “As eleições locais, nomeadamente nas principais capitais de distrito, têm uma réplica no país”, sublinha, considerando que o discurso da “transparência e da ética” se inscreve numa retórica de justificação.

Desilusão do eleitorado

Tal como Ruivo, Meirinho Martins não tem certezas quanto a uma maior participação eleitoral arrastada pela oferta. Fala de “fadiga eleitoral”, de cansaço com a classe política: “Em Lisboa, a participação eleitoral é estruturalmente fraca e tanto é de

esperar que possa haver uma maior atracção, mas pouco significativa, como também algum cansaço.”

Também o politólogo António Costa Pinto fala da oportunidade política que os partidos não querem perder nesta eleições, em especial os de menor dimensão: “Para muitos, a câmara é, eventualmente, o menos importante.” A crise da autarquia “foi potenciadora não do afastamento dos candidatos, mas do aproveitamento do espaço político”. Porquê? “Se eu fosse cínico falaria do abutre que cai sobre a carne podre”, observa o sociólogo Manuel Villaverde Cabral. “A câmara está de rastos, é para quem

a apanhar”. O investigador do Instituto de Ciências Sociais relaciona o aparecimento dos pequenos partidos na corrida com a desorientação e desilusão do eleitorado relativamente às forças políticas tradicionais, as que “não tiveram pressa nenhuma em fazer cair o executivo camarário”.

“Se o engenheiro Carmona se apresentar a votos, provavelmente vai ter um resultado muito razoável”, vaticina. “Como já se viu noutros casos em que as acusações eram muito mais graves – Fátima Felgueiras, Valentim Loureiro –, a população não gosta que os tribunais se metam com aqueles que elegeram.”

Carmona mantém suspense até ao fim

Demite-se? Afinal não? Candidata-se? Não se candidata? Carmona Rodrigues tem mantido o suspense até ao fim. Um dos blogues criados para o apoiar deixou-lhe esta semana

um aviso: que não corra outra vez à câmara, porque os apoios que lhe prometeram poderão não se concretizar. Espera-se que Carmo se decida de vez no início da sem



MIGUEL MADEIRA



Apresentação da lista

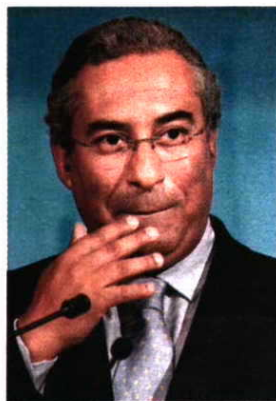
António Costa volta a pedir maioria "clara"

● Se os lisboetas não derem uma maioria "clara" ao PS, deixarão à mercê dos partidos a gestão da cidade. O aviso é de António Costa, que quer governar Lisboa "sem desculpas" e sem ficar "dependente dos jogos partidários", declarou ontem no Centro Cultural de Belém, onde apresentou a sua lista à câmara.

Na lista socialista, os dez primeiros lugares são preenchidos por cinco independentes e entre os 17 efectivos há nove mulheres. Costa apresenta assim uma "lista de cidadãos", de "pessoas que deram provas a nível nacional" e a quem agradece a "disponibilidade que revelam em dar um contributo à cidade".

O arquitecto Manuel Salgado e Ana Sara Brito, ex-coordenadora da campanha presidencial de Manuel Alegre, ocupam o segundo e terceiro lugares da lista. Personalidades da área do desporto, como Manuel Brito, da cultura, como Helena Freitas ou Catarina Molder, da intervenção social, como Rosário Farmhouse, e da ciência, caso de Rosália Vargas, são alguns dos nomes escolhidos. No final da lista de suplentes está António Mega Ferreira, para mostrar à cidade que todos são "igualmente importantes" e que "esta não é uma lista de um homem só, mas de uma equipa com projectos".

António Costa apresentou ainda uma súmula do que será o programa eleitoral, que vai além dos dois anos de mandato e está dividido em três tempos. O "tempo da urgência",



Governar Lisboa "sem desculpas"

de sanear as finanças, de "resolver as diferentes trapalhadas e os casos de suspeição", mas também de fazer uma "grande barreira à cidade"; o tempo de limpeza do espaço público e do caos no estacionamento e de "fazer pequenas grandes coisas", possíveis de realizar em apenas dois anos, por exemplo, a qualificação das escolas; e o "tempo de ter os olhos postos no futuro", de projectar a cidade além das eleições de 2009.

"Esperamos merecer a confiança dos lisboetas. Vamos a isso, vamos unir Lisboa", conclui Costa, antes de a pequena sala do CCB rebentar em palmas e em cumprimentos aos candidatos. B.W.

Eleições a 15 de Julho

Candidatos preocupados com aumento da abstenção

● O adiamento da data das eleições para 15 de Julho, altura em que muitos lisboetas se encontrarão já de férias, está a preocupar vários candidatos à autarquia, que temem um aumento da abstenção.

O candidato socialista António Costa foi um dos que admitiram estar preocupados. O mesmo acontece com o candidato do Bloco de Esquerda, José Sá Fernandes. O cabeça de lista dos social-democratas, Fernando Negrão, sugere que todas as candidaturas apelem ao voto dos lisboetas, "que estão preocupados com a situação de Lisboa e corresponderão a esse apelo".

O candidato da CDU, Ruben de Carvalho, mostra-se igualmente preocupado com o "longo período" em que a autarquia estará em gestão corrente e com os "consequentes prejuízos" para a cidade - uma posição que não coincide na totalidade com a do líder comunista, Jerónimo de Sousa. "Mesmo com o risco de alguma abstenção, tendo em conta que as eleições se realizam no mês de Julho, quando muitos lisboetas já estão de férias, consideramos que [o adiamento das eleições] foi uma decisão equilibrada e correcta, que permite que outras forças e outros cidadãos participem neste processo eleitoral", disse o secretário-geral do PCP, recordando que foi por influência do PS e do PSD que a governadora civil de Lisboa marcou inicialmente a ida às urnas para 1 de Julho, data que o Tribunal Constitucional veio a considerar ilegal, por não dar tempo suficiente para eventuais coligações entre as diferentes forças políticas. O CDS/PP pediu mesmo a demissão desta responsável, que ainda não deu nenhuma justificação para a sua decisão.

"Estou de consciência tranquila agora que marquei o dia 15, como estava quando marquei o dia 1º de Julho, afirmou ontem a governadora civil, à margem da apresentação da lista de candidatura de António



A governadora civil de Lisboa assistiu ontem na qualidade de "cidadã" à apresentação da lista do PS à câmara.

Costa à Câmara de Lisboa - onde disse estar presente na qualidade de "cidadã".

O Partido da Nova Democracia critica o adiamento das eleições por considerar que prolonga o "estado de coma" do município. Já Helena Roseta desvaloriza a possibilidade de a abstenção aumentar por causa das férias. PÚBLICO/Lusa

CDS/PP avança com Telmo Correia

Telmo Correia foi ontem formalmente apresentado como o candidato do CDS/PP à Câmara Municipal de Lisboa, no congresso de Torres Novas. A decisão de que o candidato era Telmo Correia foi tomada à hora de almoço e surge como a terceira escolha. Como o PÚBLICO noticiou, a primeira hipótese para candidato foi Luís Nobre Guedes, mas este recusou a tarefa. O líder do partido, Paulo Portas, procurou insistentemente convencer Nobre Guedes a aceitar, mas este não cedeu. Ontem, Portas tentou que a liderança da lista do CDS à Câmara de Lisboa fosse desempenhada por Teresa Caeiro, mas esta deputada não aceitou ser uma segunda escolha. Restou a Portas avançar com Telmo Correia, que estava disponível e desejava a

tarefa. Desde meados da semana passada que Paulo Portas tinha em seu poder os processos de candidatura respeitantes a Nobre Guedes, Teresa Caeiro, Telmo Correia e a si próprio, no caso de a decisão acabar por recair sobre si. Mas tentou desde quinta-feira convencer Nobre Guedes, a hipótese que lhe parecia a mais interessante. Nas conversas que manteve com estes três dirigentes, o líder do CDS disse-lhes mesmo que pensassem na lista que formariam e quais os candidatos que escolheriam para os acompanhar. Como solução final, nos lugares seguintes de uma lista que tem como objectivo manter um vereador - há dois anos, Maria José Nogueira Pinto foi eleita no limite -, a lista do CDS inclui os nomes de Teresa Caeiro, Nobre Guedes, António Carlos Monteiro e Orziza Roque (ver mais notícias nas páginas 8 e 9). S.J.A./M.G.



Críticas ao candidato socialista

Sá Fernandes acusa forças à esquerda de "chantagem"

● O cabeça de lista do Bloco de Esquerda (BE) às eleições para a Câmara de Lisboa, José Sá Fernandes, acusou ontem os candidatos que recusaram a constituição de uma coligação de esquerda de terem "o discurso da chantagem".

Falando na apresentação oficial da sua candidatura, num hotel no Chiado, em Lisboa, o candidato independente do BE disse ter proposto "a todos os que se opuseram ao rumo" dado a Lisboa, nos últimos anos, "a generosidade da unidade". Mas lamentou que essa pretensão não tenha tido "eco naqueles que da unidade só conhecem o discurso da chantagem". "A arrogância e a chantagem não são o caminho para esta cidade", concluiu.

José Sá Fernandes terá procurado um entendimento entre todas as forças de esquerda. Perante a recusa pública do PCP e do PS de avançarem para uma coligação pré-eleitoral, o

candidato do Bloco de Esquerda ainda tentou, sem sucesso, um acordo com a candidata independente Helena Roseta.

Num discurso lido, Sá Fernandes não poupou ainda António Costa, cabeça de lista do PS. Nunca referindo o seu nome, acusou quem acrescenta "crise à crise", defendendo "uma Lei das Finanças Locais que estrangula ainda mais a câmara". O candidato do BE afirmou também que um presidente da câmara "não pode ser um representante do Governo nacional na cidade". Lisboa precisa de quem se oponha à Ota "e não de um embaixador da Ota na autarquia", exemplificou.

Sá Fernandes defendeu um plano contra a crise financeira, a anulação da polémica permuta dos terrenos do Parque Mayer com os da Feira Popular e o pagamento de dívidas a fornecedores, que ascendem a 300 milhões de euros. R.D.F.

Telmo pelo CDS, Carmona volta a criar *suspense*

● A governadora civil de Lisboa disse-se tranquila enquanto assistia, “como cidadã”, à apresentação da lista do socialista António Costa. O CDS anunciou por fim quem será o seu candidato, fazendo avançar Telmo Correia. Carmona parece hesitar e volta a criar *suspense*. Tudo isto para governar uma câmara em profunda crise financeira. → Portugal, 6/7